



Em público, Saúde anuncia que tem 560 milhões de vacinas para serem aplicadas. Mas, a deputado, informa que são 281 milhões e que outros 282 milhões estão “em fase de negociação”. Ministro será cobrado, em depoimento na CPI, sobre a discrepância dos números

Ministério tem menos doses do que divulga

» MARIA EDUARDA CARDIM

Apesar de prometer, por meio de propaganda e pronunciamentos de integrantes do governo federal, contar com mais de 560 milhões de doses de vacinas contra a covid-19 para imunizar a população, o próprio Ministério da Saúde, em resposta ao questionamento do deputado Gustavo Fruet (PDT-PR), admitiu que tem a metade disso — 281 milhões de imunizantes contratados, contrariando as peças publicitárias oficiais divulgadas no final de março. Segundo a resposta da pasta, as outras 282 milhões de vacinas estão “em fase de negociação”. Apesar disso, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, reafirmou ontem que mais de 500 milhões de doses já foram “contratadas”.

“O governo federal não mediu esforços para ter vacinas para imunizar a população brasileira. Mais de 500 milhões de doses já foram contratadas e esperamos que, até o final do ano, com o esforço de todos, possamos imunizar a nossa população”, disse Queiroga, no evento para o lançamento da Pesquisa de Prevalência de Infecção por Covid-19 no Brasil (PrevCOV).



A informação, no entanto, não condiz com a resposta do próprio ministério, que salienta que ainda precisa finalizar o contrato de 210 milhões de doses da vacina de Oxford/AstraZeneca, fornecidas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz); de 30 milhões da CoronaVac, produzida no Brasil pelo Instituto Butantan; e de 41,4 de doses fornecidas pelo consórcio internacional Covax Facility, apesar de já estarem sendo entregues pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

O cenário é ainda mais confuso porque até mesmo a última projeção contratual de entregas de vacinas, atualizada ontem pelo ministério, indica outro número. Segundo o documento, apenas cerca de 140 milhões são descritos como “quantitativos previstos a serem contratados” — ou seja,

ainda não foram realmente fechados acordos de compra desses montantes. Com isso, o país teria adquirido, de fato, cerca de 423 milhões de vacinas, número ainda distantes dos 560 milhões.

Autor do requerimento que indagava a real quantidade de doses, Fruet encaminhou as informações que recebeu à CPI da Covid e ao Tribunal de Contas da União. “Sugeri ao TCU uma auditoria para saber, efetivamente, quantas vacinas foram compradas, pagas, já distribuídas, e quantas estão programadas, já que temos uma enorme desinformação”, explicou o deputado.

Depoimento

O presidente da CPI, senador Omar Aziz (PSD-AM), confirmou que cobrará explicações do atual ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que será ouvido hoje pela comissão, para a diferença entre os números propagandeados pelo ministério e os realmente contratados. “Vamos saber se tem ou não vacina e quais são os contratos. Vou esperar o ministro aqui com essa resposta”, disse, após a reunião de ontem do colegiado. Queiroga reafirmou, ontem, que tem doses suficientes contratadas para imunizar todos os brasileiros até o final do ano.

Independentemente das discrepâncias nos números apresentados pela Saúde, o Brasil recebeu ontem mais um lote da vacina desenvolvida pela Pfizer e pela BioNTech. Ao todo, são 628.290 doses que desembarcarão no aeroporto de Viracopos, em Campinas (SP).

O país recebeu 1 milhão de fármacos da Pfizer na última semana e as unidades já foram repassadas às 27 capitais brasileiras, em razão das baixas temperaturas necessárias para a refrigeração das vacinas. O ministério não detalhou como será feita a distribuição das novas 628 mil doses, que fazem parte da remessa de 2,5 milhões de doses esperada para chegar até maio.

Thomas Kienzle/AFP



País recebeu ontem mais um lote da vacina da Pfizer-BioNTech. Pouco mais de 628 milhões de doses desembarcam no aeroporto de Campinas

Alerta para “rejuvenescimento” da pandemia

A morte do ator e humorista Paulo Gustavo, na última terça-feira, em decorrência da covid-19, aos 42 anos, chamou a atenção de especialistas porque confirma a tendência de que, no Brasil, a doença não está mais restrita às pessoas mais velhas ou com comorbidades. Estudiosos vinham constatando o processo de “rejuvenescimento” da pandemia, que tende a atingir pessoas em idade cada vez mais jovem.

Uma análise feita por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) indica que a faixa etária de Paulo Gustavo foi a que apresentou o maior crescimento

do número de casos. Da primeira semana epidemiológica até a 14ª, encerrada em 10 de abril, houve aumento de 1.173,75% de infecções em pessoas entre 40 e 49 anos. A faixa etária de 30 a 39 anos foi a que registrou o segundo maior aumento, 1.103,49%, seguida do intervalo de idade de 50 a 59 anos, que contou com 1.082,69% na constatação de incidências.

Com isso, a média de idade de casos internados caiu. Na primeira semana de janeiro, a média era de 62,35 anos e, na primeira de abril, passou para 57,68 anos. A média de idade de cidadãos que morreram em decorrência da co-

vid-19 passou de 71,56 anos, na semana 1, para e 64,62 anos, na semana 14.

Ainda em relação aos óbitos, o Boletim do Observatório Fiocruz Covid-19 apontou que a faixa etária que mais sofreu aumento, de janeiro para abril, foi a de 20 a 29 anos: foram 1.081,82% mortes a mais. As vidas perdidas de pessoas entre 40 e 49 anos aumentaram 933,33% entre as semanas avaliadas.

Com o “rejuvenescimento” da pandemia, os médicos e especialistas alertam que as medidas não farmacológicas ainda são necessárias e precisam ser reforçadas. Mas nem só infectologistas refor-

çam a importância dessas medidas para conter a transmissão do vírus. Tatá Werneck, atriz e amiga de Paulo Gustavo, fez, ontem, uma apelo pelas redes sociais. “Antes de sair de casa para ir a uma festa, lembre do Paulo. Não deixe ter sido em vão. 400 mil vidas não podem ser em vão”, pediu, em uma postagem após se despedir do humorista.

De acordo com os números do Ministério da Saúde, 2.811 pessoas contaminadas pelo novo coronavírus morreram nas últimas 24 horas. Desde o início da pandemia, o país soma um total de 414.399 óbitos. (MEC)

SAUDADES (SC)

Atraso no almoço evitou mais mortes em creche

As cinco pessoas mortas no atentado à escola infantil Pró-Infância Aquarela, em Saudades, no Oeste de Santa Catarina, foram enterradas ontem de manhã, depois de um velório que começou de madrugada. As três crianças e as duas funcionárias da creche assassinadas por Fabiano Kipper Mai, de 18 anos, na última terça-feira, foram sepultadas no Cemitério Municipal da cidade. Segundo relatos de funcionários da instituição, a tragédia só não foi maior porque houve um atraso no almoço daquele dia.

Habitualmente, às 10h, as 30 crianças já deveriam estar todas reunidas no refeitório para serem servidas. Mas, na terça-feira, excepcionalmente, houve um atraso, segundo uma professora que estava na creche no momento do crime, mas que não quis ser identificada. “Estava na sala dos profes-

sores realizando atividades extra-classe, o almoço atrasou não sei o porquê. Ouvi minha colega Keli — a professora Keli Adriane Aniecevski, de 30 anos, morta no ataque — dizer que atenderia a uma pessoa no portão. Em seguida, ouvi gritos, larguei minha caixa de atividades e fui ver o que estava acontecendo. Ele já estava esfaqueando ela. Nesse momento eu gritei para avisar que tinha um homem armado dentro da escola. Voltei para sala, fechei a porta, peguei meu celular e avisei a secretaria de Educação: ‘Mandem a polícia, tem um homem matando as pessoas aqui!’”, relatou.

No momento do ataque, havia cerca de 20 funcionárias e professoras na creche. O aviso foi decisivo para que outras crianças fossem protegidas.

“Depois, eu saí pelo corredor e vi que a Mirla — Mirla Renner, agente educadora também as-

Jocimar Barbosa/AFP



Assassinatos na escola Aquarela abalaram a pacata cidade catarinense

sassinada — já estava deitada no chão. Pulei uma janela e consegui entrar na minha sala. Todas nós (professoras) ficamos segurando as portas para ele não conseguir entrar. Daí ele começou a bater nas janelas e (tentou) forçar para entrar nas salas”, disse.

Do outro lado da rua, um homem que trabalhava em uma

metalúrgica e o vizinho, numa loja de motos ao lado do prédio da creche, ouviram os gritos: “Tem um homem matando as crianças”. O primeiro pegou uma barra de ferro do chão e correu em direção à creche para conter o agressor e impedi-lo de cometer suicídio, enquanto o outro, diante dos pedidos de ajuda, pegou

» Dr. Jairinho teria agredido sobrinho

Mensagens telefônicas incluídas no inquérito da Polícia Civil do Rio de Janeiro mostram que o vereador Dr. Jairinho também cometia agressões contra um sobrinho, cuja identidade não foi divulgada. O material aponta que ele e Monique Medeiros, mãe do menino Henry Borel — morto em 8 de março — tentaram fugir após o crime. A babá da criança, Thayná Ferreira, enviou em fevereiro mensagens para o companheiro, narrando uma agressão sofrida por Henry. Em outro trecho, ela diz que, segundo a mãe dela, que trabalha como babá do sobrinho de Jairinho, disse que o parlamentar também “faz isso” com a outra criança, que só o obedece. Mas, nas oitavas, Thayná minimizou os episódios que presenciou e chegou a mudar versões — por isso, é investigada por falso testemunho.

uma das crianças feridas e a levou ao hospital. Segundo a professora toda a ação durou cerca de 10 minutos.

Preso em flagrante pelo crime, Fabiano está em estado grave de saúde após desferir golpes contra o próprio pescoço, segundo contaram testemunhas. O delegado regional de Polícia Civil de Chapecó, Ricardo Casagrande, diz que a investigação está a cargo da Polícia Civil da Comarca de Pinhalzinho, que aguarda a eventual liberação médica para colher o depoimento do jovem, internado

no Hospital Regional do Oeste em Chapecó.

Segundo a polícia, a ação foi planejada. “O crime foi premeditado. Ele chegou de bicicleta na creche, com uma mochila nas costas, uma professora o abordou e começou a atacá-la com golpes de facão nas costas. O jovem seguiu a professora até uma sala, onde atacou também a outra funcionária auxiliar e mais quatro crianças com menos de dois anos”, afirmou delegado Jerônimo Marçal Ferreira a uma emissora de rádio.